

MULHERES EM CENA: do privado do lar ao trabalho remunerado

NASCIMENTO, Luciane Pacheco

Graduada em Gestão Financeira – UFMS/CPNA

lunascimento2511@hotmail.com

SILVA, Luana Ferreira

Graduada em Gestão Financeira – UFMS/CPNA

luanafmonteiro34@gmail.com

SILVA, Luciana Codognoto da

Professora Adjunta – UFMS/CPNA

luciana.codognoto@ufms.br

RESUMO

O presente artigo analisa a importância da conciliação do trabalho profissional e doméstico da mulher, tendo em vista a dupla jornada de mulheres que, ao mesmo tempo, são profissionais, mães e esposas, diferente do homem que não tem tantas exigências em relação ao lar. Mesmo que se tenha tido uma ascensão profissional, a figura feminina não é desvinculada da imagem de quem deve administrar os encargos domésticos. Para a sociedade, a mulher nunca será completa se não tiver marido e filhos, mesmo que tenha uma carreira consolidada profissionalmente. O delineamento metodológico do estudo foi a pesquisa de campo, que buscou evidenciar relatos através de entrevista com mulheres. Desta forma, pode-se considerar que, apesar dos avanços, ao longo da história, ainda permanece a visão estabelecida de que é papel exclusivo da mulher a educação dos filhos e os cuidados com a casa. É algo que precisa ser contestado e desconstruído incessantemente.

Palavras-chave: Mulher; Trabalho; Ambiente Familiar.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, acreditou-se que o objetivo maior das mulheres era o casamento e a constituição de uma família, tendo como papéis cuidar da casa, dos afazeres domésticos, procriar e cuidar dos filhos. O homem era o único provedor que buscava o sustento familiar. De acordo com Lynch e Tiedj (1991), a divisão de papéis entre os pais também era bem definida, cabendo à mulher a responsabilidade de educar, socializar e cuidar dos filhos, e ao homem o sustento da família.

No período colonial, a casa não era apenas um lugar físico para se alimentar, se abrigar e dormir, ela representava uma honra a ser protegida; as expressões utilizadas ainda hoje explicitam a visão que se tinha do caráter e índole das mulheres: “lugar de mulher decente é dentro de casa”, ou, “mulher da rua não presta”. A casa era considerada um lugar “privilegiado”, onde se formava o caráter das crianças, por isso a grande responsabilidade moral atribuída à mulher (RAGO, 1985).

Com o passar dos tempos, através de lutas e movimentos feministas, a mulher vem conquistando seu espaço no mercado de trabalho, o que torna mais comum a presença da mulher em empresas, contribuindo com a renda familiar ou assumindo o papel principal de provedora da família, deixando de ser coadjuvante. Conforme ressalta Saffioti (1979), as mulheres nunca foram alheias ao trabalho. Em todas as épocas e lugares, elas contribuíram e contribuem significativamente para a subsistência familiar, para a produção da riqueza e, sem dúvida, para o crescimento substancial da mão de obra feminina no mercado de trabalho.

Segundo Vasconcelos (2013), quando as mulheres se detêm apenas do trabalho doméstico para sua família, perdem autonomia econômica, tornam-se dependentes e subordinadas a quem garante sobrevivência familiar, em geral, os homens, marido, filhos, etc. Atualmente, as mulheres, com sua independência, buscam cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho. Verifica-se que, apesar dessas conquistas, a mulher encontra ainda dificuldades de conciliar o trabalho profissional e a vida doméstica.

O objetivo da presente pesquisa é analisar e identificar a importância da conciliação do trabalho profissional e doméstico da mulher. Justifica-se que é um tema que desperta interesse, porque a mulher possui um papel fundamental na família. Proporcionando conhecimento para a desmistificação da cultura enraizada sobre o qual deve ser o papel da mulher. Trata-se de uma pesquisa de campo, que, conforme Gonçalves (2001), é o tipo de

pesquisa que pretende buscar informação diretamente com a população pesquisada, exigindo do pesquisador um encontro mais direto. Por fim, o presente estudo foi dividido em: Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise de Resultados e Considerações Finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Apesar de algumas conquistas alcançadas pelas mulheres, como a independência financeira e profissional, durante esse percurso, a mulher, além de encontrar dificuldades no âmbito familiar, passa também a enfrentar empecilhos no ambiente de trabalho. Segundo Alves e Pitanguy (1991), até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação, pois deveria procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido.

Por conta de lutas e de reivindicações de igualdade de direitos com relação ao gênero masculino - por exemplo, com o movimento feminista - a mulher conquistou seu espaço na sociedade, obtendo o direito de votar e de trabalhar fora do lar. Mas as concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, no período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino.

Com o surgimento do capitalismo, a mulher passou a ter não apenas funções reprodutoras, mas assumiu, também, tarefas produtoras de força de trabalho como resultado do maior espaço conquistado na sociedade. De acordo com Rago (2001,) as mulheres enfrentaram inúmeros obstáculos para participarem do mundo “público do trabalho”, em um espaço no qual era tido como naturalmente masculino, independente da classe social a que pertencessem, uma vez que os valores adquiridos no espaço privado, ou seja, na família, serviam para reforçar as barreiras, que vão desde variação salarial a intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual.

Segundo Bruschini e Puppini (2004), a conquista feminina por bons empregos em posições de prestígio ocorreu apenas nos anos de 1980. Em meio a um contexto de consideração profissional, destacam-se as mulheres em cargos de gestão, vistas como pioneiras que adaptaram a vida doméstica para dar conta da carreira, mesmo com a existência

de fortes barreiras a essa incorporação. Segundo Vasconcelos (2013), a divisão sexual do trabalho é, portanto, um instrumento que reforça também a exploração das mulheres. A exploração é resultado da dupla ou tripla jornada de trabalho, uma vez que, quando as mulheres decidem conquistar autonomia financeira, trabalhando no espaço público, são submetidas a uma jornada de trabalho junto à família e a outra para ganhar dinheiro. Além da necessidade de complementar a renda da família, a satisfação profissional das mulheres contribuiu para o crescimento da sua participação no mercado de trabalho (BRITO et al., 2012).

Para Bruschini (2007), as mulheres estão ocupando outros espaços ditos tradicionalmente como masculinos nos âmbitos sociais, culturais, profissionais e políticos. Contudo, a divisão de gênero ainda é percebida tanto nas atividades produtivas como na interação social, o que cria, na sociedade, guetos femininos e masculinos (CAPELLE et al., 2004). Para Probst (2003), o sucesso feminino no mercado de trabalho está atrelado à falência dos modelos masculinos de processos civilizatórios, onde a exigência de força física para a realização de atividades profissional perdeu espaço para o conhecimento.

Na atualidade, a mulher tem assumido diversas funções que antes se destinavam aos homens, trazendo mudanças em sua rotina e também em seus projetos de vida e de suas conseqüentes escolhas. Um dos campos que sofreu um impacto significativo em razão das múltiplas funções exercidas pela mulher na época presente é a maternidade, sendo adiada em prol de demandas relativas ao estudo e à carreira (LOPES et al, 2014). Além da maternidade, a mulher passa a se preocupar com a sua satisfação pessoal e o sucesso de sua carreira profissional, buscando o aprimoramento através dos estudos, a fim de garantir sua promoção no mercado de trabalho, trazendo repercussões na organização e na estrutura do funcionamento familiar, levando a proposição de novas configurações, arranjos familiares com intervenções diretas na relação familiar (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012).

De acordo com Venturini et al. (2004), pensar na mulher brasileira da contemporaneidade como dona de casa satisfeita e resignada com relação à sua dependência e submissão ao marido ou por esperar por um é um erro, devido ao fato de que elas não se veem assim. Com a inserção delas no mercado de trabalho, surge a possibilidade de se construir sua autonomia, trazendo sua independência financeira. Em contrapartida, não se pode pensar também na mulher apenas como trabalhadora, a maioria das mulheres brasileiras acumula o trabalho remunerado ao trabalho não remunerado, suportando uma dupla jornada estafante.

Segundo Bilac (1996), a conquista do espaço público, o controle da fertilidade e a expansão da educação formal trouxeram transformações para a condição financeira feminina. Entretanto, estas não foram transformações que propiciaram uma maior igualdade nas relações de gênero no interior da família. Se, por um lado, a mulher teve conquistas na esfera da produção, por outro, acabou aumentando sua carga de responsabilidades. As responsabilidades do âmbito doméstico – tradicionalmente atribuídas às mulheres – somaram-se as de âmbito público.

Com a modernização da sociedade e a revolução industrial, ocorreram transformações na conjuntura da história social, no trabalho e na família, refletindo alterações nas formas de vida e na necessidade de conciliar o trabalho, as atividades domésticas, a maternidade, podendo remeter as tensões como algo concreto, como a dedicação aos filhos, a necessidade de trabalho como resultado ou ganho financeiro e as dificuldades de executar tarefas no exercício profissional, pela falta de equilíbrio entre esses fatores.

Ainda em se tratando das atividades domésticas e dos cuidados com os filhos não são compartilhados igualmente com o companheiro, provocando uma sobrecarga de funções sobre a mulher (SILVA; OLIVEIRA, 2014). Segundo Calçada (2013), gerenciar o tempo na vida moderna e os limites interno são fatores que dificultam ou mesmo impossibilitam a mulher de ter tempo para si mesma. Houve ganhos profissionais importantes na vida da mulher, porém, as funções acumuladas por elas geraram uma sobrecarga que pode comprometer a sua saúde e a sua vida pessoal.

Conforme Abramo (2002), embora seja reconhecido como um avanço o processo mais dinâmico na inserção da mulher no mercado de trabalho e na perspectiva da busca de sua autonomia social e econômica, elas continuam no topo da pirâmide das desigualdades sociais. Ikeda (2000), em pesquisa sobre diferenças de remuneração no mercado de trabalho formal, salienta que, mesmo com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro, as desigualdades em relação ao trabalho masculino ainda persistem. Ainda argumenta que mesmo no mercado de trabalho formal a segmentação por gênero existe, pois, em todos os setores analisados, a remuneração feminina é claramente menor que a masculina.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa investigou o papel da mulher no ambiente familiar e no trabalho

profissional. Para desenvolvimento deste estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa. Desta investigação fez parte 06 mulheres, com idade entre 24 e 46 anos, com uma renda de um a dois salários mínimos e meio, moradoras de um bairro considerado periférico do município de Nova Andradina/MS. Foi utilizado um questionário, elaborado pelas pesquisadoras, com as seguintes perguntas: nome e idade, quantidade de filhos, se possui trabalho fora de casa, renda familiar, grau de escolaridade, estado civil, participação nas despesas de casa e se tem a participação do companheiro nos serviços domésticos. O questionário foi aplicado individualmente. Foram citados nomes de flores para identificá-las e, ao mesmo tempo, preservar as identidades dessas mulheres.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira entrevistada, Rosa, 46 anos, casada, mãe de duas filhas, com o ensino fundamental completo. Trabalha como camareira, sua carga horária é de oito horas por dia, com folga um dia da semana, além de ajudar nas despesas da casa, faz todo o serviço doméstico.

A segunda entrevistada, Orquídea, 32 anos, casada, mãe de dois filhos, com ensino médio completo. Trabalha como motorista de ônibus e tem uma renda de até dois salários mínimos, paga aluguel, ajuda nas despesas da casa. O marido trabalha fora e auxilia nos serviços domésticos, porém, é ela a responsável pela educação dos filhos.

A terceira entrevistada, Tulipa, de 24 anos, solteira, mora com os pais, mãe de dois filhos, tem o ensino médio completo. Trabalha como recepcionista, tem uma renda de um salário mínimo, ajuda nas despesas da casa. Seus pais auxiliam na educação dos seus filhos para que ela possa trabalhar. O pai das crianças só cumpre com a obrigação de pagar a pensão alimentícia.

A quarta entrevistada, Flor do Deserto, de 31 anos, casada, mãe de dois filhos, está cursando o ensino médio. Está desempregada e paga aluguel. Só o marido paga as despesas da casa, compartilha os afazeres domésticos, porém, na educação dos filhos, Flor cuida sozinha.

A quinta entrevistada, Margarida, de 28 anos, casada, mãe de dois filhos, um do primeiro casamento e o outro do atual marido, possui ensino médio completo. Trabalha como auxiliar de limpeza, com carga horária de 12 por 36 horas, compartilha as despesas da casa, paga aluguel, tem uma renda de dois salários mínimos e meio. O marido divide com a mesma

nos afazeres da casa e na educação dos filhos.

A sexta entrevistada, Girassol, de 43 anos, casada, mãe de dois filhos, tem ensino fundamental completo. Trabalha como doméstica partilha as despesas de casa, tem uma renda de dois salários mínimos. O marido divide com a referida nos afazeres da casa e na educação filhos.

Como pode ser observado, apesar das conquistas, a mulher ainda enfrenta muitos obstáculos para a realização de sua satisfação pessoal. Ficou evidente que algumas das entrevistadas se sentiam sobrecarregadas, por não terem a participação do companheiro nas divisões das tarefas da casa, devido a essa sobrecarga de trabalho, não possuem a atenção voltada a si mesmas.

É importante que haja equilíbrio entre trabalho remunerado e a vida privada, buscando preservar a saúde física e mental da mulher, permitindo a ela desfrutar dos prazeres da vida como ser humano, visando a saúde como direito essencial, incluindo direito ao lazer. Desta forma, é assegurado a ela o seu desenvolvimento cultural, social e pessoal, promovendo melhoria na sua saúde, porém, torna-se cada vez mais escasso esse tempo livre, no qual o trabalho ocupa lugar central (REUSCH; SCHWINN, 2015).

Para as mulheres que são mães, esse tempo voltado para si mesmas é quase impossível, tendo em vista que a maternidade exige muito mais responsabilidade e compromisso da mulher, muitas acabam se esquecendo da vaidade ou não tendo ânimo para cuidarem de si, devido ao esgotamento físico e mental. Quando há divisão das tarefas domésticas e educação dos filhos com o companheiro, essa exaustão é diminuída.

Coelho (2002) retrata que esta intensa e complexa rede de tarefas, muitas vezes, exime as mulheres dos momentos de prazer e relaxamento e do tempo dedicado ao lazer, além de estar cada vez mais reduzido na vida contemporânea para as mulheres que trabalham e necessitam dar conta do espaço doméstico, é utilizado, via de regra, na companhia dos filhos, como forma de compensação pelos longos períodos passados longe da família, havendo pouca ou nenhuma dedicação a si mesma e aos prazeres individuais da própria mulher. Ávila e Portes (2012) corroboram que o tempo “livre” também é destinado ao cumprimento de uma série de ocupações dedicadas ao trabalho doméstico ou escolar. Estes autores afirmam que o planejamento e o uso racional do tempo são duas das mais importantes estratégias de conciliação entre as diferentes jornadas de trabalhos levadas pelas mulheres.

As mulheres executam mais horas de trabalho doméstico, enquanto os homens

trabalham mais horas no mercado; os homens trabalham, em média, 10 horas por semana em tarefas domésticas; as mulheres, o dobro: 20 horas semanais (MADALOZZO et al.,2010). É notável que a carga de trabalho da mulher é muito maior que a do homem, pois este acredita ter compromisso obrigatório somente em seu setor de trabalho, não se sentindo na obrigação de compartilhar as responsabilidades com filhos e trabalhos domésticos em casa, já a mulher se sente encarregada de cumprir todas essas funções sozinha, além dos seus deveres profissionais, resultando em um alto nível de estresse, dentre outras sensações.

5 CONCLUSÕES

O estudo buscou apresentar as dificuldades da mulher contemporânea com relação à conciliação do mercado de trabalho e o ambiente familiar, levantando dados para maior aprofundamento de pesquisas sobre o tema. De acordo com Castells (1999), o contexto atual caracteriza-se por todas essas transformações na família, que inevitavelmente se estendem para o mercado de trabalho. Entretanto, o mundo do trabalho, mesmo apresentando avanços, continua preso à lógica patriarcal.

As mulheres chefes de família – cujas práticas sociais se apresentam como contradição ao modelo tradicional – sofrem as consequências da desvalorização do seu trabalho. É inegável o peso que as construções sociais de gênero têm sobre a sociedade, especialmente no que tange ao “ser mulher” como detentora da responsabilidade pelos trabalhos domésticos e pela educação dos filhos (LAGO, 1986). Mesmo que as mulheres tenham conseguido muitos avanços ao longo da história, ainda é necessário desfazer padrões estabelecidos pela sociedade com relação ao sexo feminino, onde são julgadas e culpabilizadas a todo instante e em qualquer situação, são reféns do patriarcado, que justifica as atitudes dos homens através da condenação das mulheres.

Portanto, não é papel exclusivamente da mulher a socialização e educação dos filhos, além da participação financeira dentro de seus lares, como se as obrigações e responsabilidades fossem algo que pertencesse somente ao gênero feminino, devido ao modelo cultural familiar, no qual predomina o machismo, que é um assunto que precisa ser debatido constantemente e desconstruído por completo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. Evolução do emprego feminino e equidade de gênero na América Latina: Avanços e permanências nos anos 90. In: COSTA, E. et al. (Orgs). **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva e gênero**. São Paulo: CUT, p.79-97, 2002.

ALVES, B. M., PITANGUY, J.O **que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

ÁVILA, R. C. PORTES, É. A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(3): 384, setembro-dezembro/2012 p. 809-832.

BILAC, E. D. Mãe certa, pai incerto: da constituição social à normatização jurídica da paternidade e da filiação. **Grupo de Trabalho Família e Sociedade da XX Reunião Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 1996.**

BRITO, L. M. P. et al. Mulheres gestoras: qual o perfil de competência profissional para conciliação vida pessoal e trabalho? **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 13, n. 1, p. 43-61, jan./abr. 2012.

BRUSCHINI, C; PUPPIN, A. B. O trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 34, n.121, pp. 105-138, jan./abr. 2004.
BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 37, n.132, pp.537-572, set./dez, 2007.

CALÇADA, A. Feminilidade e trabalho são conciliáveis? **Revista Psique**, n.87, 2013, p.42-47.

CAPELLE, M. C. A. et al. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 2-7, jul./dez. 2004.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, V. P. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. São Paulo: Universidade de Santo Amaro 2002.

GONÇALVES, E, P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

IKEDA, M. Remuneração por Gênero no Mercado de Trabalho Formal: Diferenças e Possíveis Justificativas. **Texto para Discussão** n. 82. Rio de Janeiro. Set, 2000.

LAGO, M. C. S. Trabalho feminino, trabalho improdutivo? **Revista de Ciências Humanas**, 8, 129-133, 1986.

LOPES, M. N. et al. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 4, 2014, p. 917-958.

LYNCH, I.; TIEDJE, L.B. Working with multiproblem families in intervention model for community health nurses. **Public Health Nurs**, v. 8, n. 3, p. 147-153, 1991.

MADALOZZO, R. et al. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(2): 352 maio agosto/2010. p. 547-566.

PROBST, E. R. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Revista do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 1-8, jan./jun. 2003.

RAGO, M. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2001.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 1985.

REUSCH, P. T; SCHWINN, S, A. Novas tecnologias e trabalho: O Trabalho Feminino e o Direito à desconexão. **Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, 2015.

SAFFIOTI, H. I.B. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SILVA, Â. C; OLIVEIRA, L. H. Conciliando a realização pessoal, o trabalho e a família: Um estudo com mulheres do interior do Rio Grande do Sul. **Revista Psicologia em Foco**, v. 6, n. 2, 2014, p. 1-19.

SIMÕES, F. I. W; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales**, v. 2, 2012, p. 1-25.

VASCONCELOS. I.S. **Mulher e mercado de trabalho no Brasil: nota de uma história em andamento**, 2013.

VENTURINI, G. et al. As Mulheres Brasileiras no Início do Século XXI. In: VENTURINI, G. et al. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p 15-30.